

PMDB isolado apóia o aumento de imposto

Embora tenha uma bancada de 105 deputados e 27 senadores e governos estaduais importantes, o PMDB está isolado no Congresso e com muitas dificuldades para aprovar a rolagem de US\$ 57 bilhões de dívidas dos estados, em troca da aprovação da reforma tributária. O PMDB tentará votar hoje o projeto. Páginas 6 e 7.

Não dê folga aos deputados. Telefone.

Estamos publicando na pág. 16 os telefones dos parlamentares. Pressione-os. E veja na pág. 14: a reforma tributária é uma gota d'água no rombo do Tesouro. Também na 14, vigie mais uma votação de imposto: a do IPTU.



jornal da tarde

Cr\$ 500,00 Segunda-feira, 16 de dezembro de 1991. Número 8.006 Ano 26

NA EDIÇÃO DE ESPORTES

EXPLODE A FESTA

FUTEBOL ARTE DO SÃO PAULO É CAMPEÃO



Uma tarde para você guardar e lembrar

POSTER

Retire o seu na Edição de Esportes

O Corinthians foi à luta com a garra de sempre, mas o São Paulo soube controlar o jogo com categoria. A torcida tricolor fez a festa, apesar da forte chuva, pelo 17º título do time.



Addams de volta. Pág. 24.

Aprovada, Lei Rouanet vai à sanção de Collor.

Página 21

Pedro Collor: "PC é capaz de vender a mãe".

Página 8

Barco afunda no mar Vermelho e mata 400

Página 17



Comércio no domingo. Pág. 12.

Natal: cuidado com a sedução das ofertas.

Suplemento Seu Dinheiro

Baker pede garantia nuclear à URSS

Página 17

Perdão para a dívida dos usineiros

Página 12



Como a cólera chegará a SP. Leia na última página.

Lula, Amato, Vicentinho, Szajman, unidos contra a recessão.

Edição de Esportes

SUPLEMENTO DO JORNAL DA TARDE/SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1991/NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

jornal da tarde

São Paulo, claro!

O melhor time, com o melhor ataque, o melhor jogador e ainda o artilheiro do Campeonato Paulista. O São Paulo de Raí garantiu o título paulista com um empate contra o Corinthians, no Morumbi, confirmando todos os prognósticos: não teve adversário à altura durante todo o campeonato. O trabalho, agora, será resistir às propostas do Exterior e manter a equipe campeã.



A taça nas mãos do goleiro Zetti: a velha rotina de títulos mantida.

PREPARE-SE PARA A CORRERIA DE FIM DE ANO.



SE VOCÊ CORRE POR ALGUM MOTIVO OU MESMO POR ESPORTE, TOPPER TEM A SOLUÇÃO: LINHA TOPPER DYNATECH PARA JOGGING. COM QUALQUER MODELO NOS PÉS VOCÊ TRANSFORMA O IMPACTO DO CORRE-CORRE EM IMPULSO. É SÓ ESCOLHER: DYNATECH 8600, DYNATECH SX, DYNATECH 550 OU, SE VOCÊ PREFERIR, O CROSSTRAINER. ANDE, A CORRERIA JÁ COMEÇOU: COMPRE LOGO O SEU.



DYNATECH

O 'já ganhou', desde o Anhangabaú.

O Centro da cidade ficou tricolor desde muito cedo: sem confusão e com muita festa, os são-paulinos ocuparam os ônibus da CMTC em direção ao Morumbi. Já os corintianos, desanimados, promoveram até depredação.

Aeuforia e o clima de festa do domingo anterior estavam presentes novamente entre os torcedores que usaram os ônibus da Companhia Municipal de Transportes Coletivos, ontem, para chegar até o estádio do Morumbi. Mas, desta vez, eram as camisas tricolores que tomaram o Anhangabaú.

Os papéis se invertiram depois da vitória do São Paulo no domingo passado. No Anhangabaú, a fila de torcedores são-paulinos tinha quase três quilômetros de extensão, mas a espera não parecia incomodá-los. Cantavam os hinos de guerra e até a famosa "ola" percorreu a fila. "Já fizemos cerca de 90 embarques de passageiros para o estádio", informou, por volta de 13 horas, o inspetor Ezequiel Edson Faria, da Guarda Civil Metropolitana. "Hoje está muito mais movimentado, mas não tivemos nenhum incidente."

No embarque da torcida corintiana, na avenida Tiradentes em frente ao Parque da Luz, o quadro era bem diferente. As filas eram pequenas e os torcedores tentavam manter o moral elevado, garantindo que ainda acreditavam na conquista do título. Mas a euforia cedeu lugar à violência: no início da tarde dois ônibus já haviam sido depredados. "A torcida corintiana está desiludida, entregando o ouro", comentou o inspetor Dalmo Luis Alamo, da GCM. "Só fizemos 50 embarques desde as 10 horas."

Os poucos donos de kombis que se arriscaram a fazer lotação até o Morumbi lamentavam

a falta de corintianos. "Ainda não fiz nenhuma viagem e estou aqui desde cedo", queixou-se Gérson Ribeiro de Santana. "Nosso movimento melhoraria se eles cobrassem pela passagem de ônibus, mas a dona Erundina só viu o lado dela e gente perdeu os fregueses."

A Prefeitura montou o mesmo esquema de guerra para garantir a segurança de seus ônibus. Cerca de 70 guardas civis metropolitanos garantiam a tranquilidade do embarque de corintianos e outros 30 vigiavam os são-paulinos. No total, o inspetor chefe José Fernandes coordenava 350 homens e 80 viaturas, espalhadas do Centro ao estádio.

Se os três gols de Rai no domingo passado levaram mais torcedores do São Paulo para o Morumbi — 60% das arquibancadas estavam tomadas pelos são-paulinos —, não conseguiram fazê-los gastar mais. "Final de campeonato é ilusão para os ambulantes", reclamava o vendedor de cachorro quente João Ribeiro. "Além da crise, vem tanto marreiteiro que ninguém vende." Até o preço da cerveja baixou ontem dos Cr\$ 1.000,00, cobrados na semana passada, para Cr\$ 750,00.

Na entrada dos são-paulinos a festa era geral e ninguém se importava com os poucos corintianos que se arriscavam a passar uniformizados pelo local. Do lado corintiano, a história era diferente. Os torcedores alvinegros caçavam os incautos tricolores que surgiam com bandeiras ou camisas do São Paulo.

Ferdinando Casagrande



Empate, título garantido e mais uma comemoração da torcida são-paulina.

Paz. Depois, pancadaria e um tiro.

Com o Morumbi inchado de torcedores, dividido meio a meio entre corintianos e são-paulinos aflitos, a PM esperava, na tarde da decisão, no mínimo uma facada ali, uma guerra entre torcidas uniformizadas aqui, assim como no primeiro encontro entre as duas equipes. E, ao encerramento do jogo, prevaleceu o que já esperado pelo coronel Faoro, do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar: um delegado do meio ambiente, José Roberto André Carlos, disparou um tiro para o alto nos arredores do estádio para evitar um início de pancadaria entre as duas torcidas. José Roberto foi levado para o 34º DP, mas, provando possuir porte de arma, foi liberado em seguida. Seu revólver, porém, foi apreendido pelos policiais. E mais: no meio da comemoração pelo segundo título este ano, a diretoria do São Paulo conheceu o lado violento de seus próprios torcedores: ao liberar a sede do clube para que todos extravasassem, não podia esperar que alguns vândalos estragassem tudo: quebraram vidros de portas e janelas, arrancaram o extintor de incêndio e, ao serem repreendidos, tentaram até linchar um soldado. Valdir Gregório, gerente de segurança do São Paulo, não tinha explicação para a baderna: "Nunca vi coisa igual".

Antes do início da partida, porém, uma surpreendente tranquilidade das duas torcidas era motivo de euforia para o dedicado Faoro, que até ensaiava um discurso: "Chega a ser inesperado, parece que os torcedores criaram uma consciência que até há pouco tempo não existia. Mais uma vez as torcidas nos surpreenderam. O único grande problema que presenciaram foram dois ingressos falsos nas mãos de torcedores, nada mais que isso". Entre os demais casos registrados até ao final do primeiro tempo o mais grave foi uma pedrada que atingiu o maxilar de um torcedor, removido imediatamente para a enfermaria, com fratura. Foram presos 15 guardadores de carros, 16 cambistas, 42 bêbados e mais sete por porte de maconha. No posto da enfermaria, aproximadamente 70 casos foram registrados. Os diagnósticos: enjôos, dores de cabeça, e muita bebedeira, além de três torcedores queimados superficialmente por fogos de artifício.

Vinícius Mesquita, especial para o JT.

"É o troco do Brasileiro de 90"

Os corintianos até pareciam pressentir o resultado da partida que definiria o campeão paulista de 1991. Embora ninguém admitisse a preocupação, os rostos nas arquibancadas eram tensos e a torcida se mantinha silenciosa. "Estamos confiantes de que o Timão vai sair daqui campeão", garantia Silvio Mello. "A torcida está calada agora, mas quando o time entrar em campo isto aqui vai explodir."

Os são-paulinos surpreenderam e conseguiram 60% das ar-

quibancadas do Morumbi. Estavam confiantes e muito mais tranquilos do que os rivais. "É impossível o São Paulo perder este título", assegurava José Carlos Pinheiros. "Os próprios corintianos sabem disso. Eles só vieram porque são fanáticos."

O corintiano Sidnei Antônio de Jesus rebatia a afirmação de Pinheiros, prevendo o placar do jogo: "Vai ser 1 a 0 no jogo, gol de Tupazinho, e 2 a 0 na prorrogação com gols de Giba e Tupazinho". Ao mesmo tempo se

contradizia: "Se o São Paulo levar esse título teremos uma 'conversinha' com os são-paulinos lá fora", ameaçava.

Os corintianos começaram a se agitar quando a Ponte Preta conquistou o título do Torneio de Aspirantes. Jesus se empolgou. "A energia alvi-negra é isso aí e vai empurrar o time para a vitória", vibrava. Mas não deu certo. "É o troco pelo Brasileiro de 90 que eles ganharam da gente", resumia Carlos da Silva.

F.C.



Corintianos no embarque da Tiradentes: a alegria durou pouco.

Corinthians		São Paulo															
Campanha		Campanha															
PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG		
Geral	45	34	15	15	4	38	19	19	Geral	54	34	21	12	1	66	27	39
1ª fase	32	26	9	14	3	27	14	13	1ª fase	42	26	17	8	1	50	20	30
2ª fase	12	6	6	0	0	11	2	9	2ª fase	9	6	3	3	0	13	7	6
Finals	1	2	0	1	1	0	3	-3	Finals	3	2	1	1	0	3	0	3
Jogos em casa		Jogos fora de casa															
PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG		
33	23	13	7	3	30	12	18	35	20	16	3	1	44	14	30		
O Corinthians conquistou 71,7% dos pontos disputados em casa.								O São Paulo conquistou 87,5% dos pontos disputados em casa.									
Jogos em casa		Jogos fora de casa															
PG	J	V	E	D	GP	GC	SG	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG		
12	11	2	8	1	8	7	1	19	14	5	9	0	22	13	9		
O Corinthians conquistou 54,5% dos pontos disputados fora de casa.								O São Paulo conquistou 67,8% dos pontos disputados fora de casa.									
Os gols		Os gols															
Total: 38 gols. Média: 1,19 gols/jogo.				Total: 66 gols. Média: 2,00 gols/jogo.													
1ª fase: 27 gols (média 0,84)				1ª fase: 50 gols (média 1,92)													
2ª fase: 11 gols (média 1,83)				2ª fase: 13 gols (média 2,16)													
Finals: 00 gols (média 0,00)				Finals: 03 gols (média 3,00)													
Tempo dos gols		Tempo dos gols															
GOLS MARCADOS		GOLS MARCADOS															
1º tempo: 16 gols (42%)		1º tempo: 35 gols (53%)															
00-15 min.: 07 gols (18%)		00-15 min.: 11 gols (17%)															
16-30 min.: 05 gols (13%)		16-30 min.: 10 gols (15%)															
31-45 min.: 04 gols (11%)		31-45 min.: 14 gols (21%)															
2º tempo: 22 gols (58%)		2º tempo: 31 gols (47%)															
00-15 min.: 08 gols (21%)		00-15 min.: 06 gols (09%)															
16-30 min.: 09 gols (24%)		16-30 min.: 08 gols (12%)															
31-45 min.: 05 gols (13%)		31-45 min.: 17 gols (26%)															
GOLS SOFRIDOS		GOLS SOFRIDOS															
1º tempo: 07 gols (37%)		1º tempo: 16 gols (59%)															
00-15 min.: 03 gols (16%)		00-15 min.: 05 gols (18%)															
16-30 min.: 03 gols (16%)		16-30 min.: 05 gols (18%)															
31-45 min.: 01 gol (05%)		31-45 min.: 06 gols (23%)															
2º tempo: 12 gols (63%)		2º tempo: 11 gols (41%)															
00-15 min.: 03 gols (16%)		00-15 min.: 05 gols (18%)															
16-30 min.: 03 gols (16%)		16-30 min.: 04 gols (15%)															
31-45 min.: 06 gols (31%)		31-45 min.: 02 gols (08%)															
Principais Artilheiros		Principais Artilheiros															
Paulo Sérgio	7 gols	Rai	20 gols														
Wilson Mano	7 gols	Müller	9 gols														
Dinei	6 gols	Macedo	8 gols														
Marcelinho	4 gols	Baiano	5 gols														
Giba	3 gols	Elivélton	4 gols														

TELEVISÃO GLOBO GANHOU NO DETALHE

Os torcedores que costumam preferir o conforto das imagens da televisão invadindo a sala de jantar (que também pode ser usada para leitura, simples jogo de dominó ou carteados) devem ter ficado satisfeitos, ontem, com o trabalho das emissoras maiores (Globo e Bandeirantes) que desde o começo do campeonato estavam unidas em pool. E para sorte da Bandeirantes que estava com mais de dez câmeras focalizando o jogo (mas com enfoque convencional), a chuva e a falta de prática impediram que a Globo usasse com força total os trilhos por onde rolariam duas câmeras Betacam, acompanhando a movimentação dos jogadores, rente à linha. O uso foi moderado para evitar desliz-

— A transmissão foi boa, talvez um pouco abaixo do que imaginávamos porque perdemos (a Bandeirantes também) sinal devido a um raio no Pico do Jaraguá. O sistema é novo, mas satisfatório — analisou Ciro José, coordenador de toda a transmissão da Globo.

A Bandeirantes do narrador Luciano do Valle procurou fazer um trabalho promocional em cima da final dos aspirantes, usando o evento que leva o nome do dono da emissora, João Saad, como teaser. A idéia não foi ruim até porque o Domingão do Faustão, que estava no ar pela Globo, não goza de unanimidade, embora lidere a preferência. Mas se o teaser foi eficiente (atraindo a atenção do telespectador em longos flashes das con-



A chuva atrapalhou a guerra das imagens, mas a Globo, com câmeras na lateral do campo, foi melhor.

centrações de São Paulo e Corinthians), souu mal a entrevista do dono da emissora em rede nacional. João Saad saiu de um helicóptero patrocinado e foi 'cercado' por dois repórteres: um da tevê e outro da rádio — ambos da Rede Bandeirantes.

Falou o óbvio sobre a importância de um torneio que revela jogadores de futebol. E qualquer esforço valia porque soava forte a ameaça de a Globo arrebatando a cobertura com a utilização dos trilhos. Mas antes do

jogo veio a chuva e o potencial de fogo da Globo foi confirmado. O árbitro Ilton José da Costa apareceu em close com o queixo servindo de referência para a quantidade de água que inundava o campo. As câmeras laterais instaladas ao nível do campo tinham o mesmo poder de zoom já visto nas coberturas europeias.

Ali, debaixo do aguaceiro foi possível medir a diferença de linguagem e de equipamentos: a Globo usaria imagens fechadas,

realçando o detalhe; a Bandeirantes, na raça, tentaria nuances diferentes de duas câmeras instaladas atrás dos gols. Um raio e a consequente perda de sinal empurrou telespectadores para a Globo antes de dez minutos de jogo. Depois os telespectadores voltariam à Bandeirantes pela mesma falha do link da Globo.

Enquanto a Bandeirantes carregava a cobertura com aquele bate-papo óbvio dos jogadores dentro do campo, a Globo preferia (ou seria uma imposição técnica porque só contava com o repórter Roberto Tomé?) mostrar cenas do túnel. Alguns minutos antes do começo do jogo, um grupo de jogadores corintianos foi focalizado, todos de costas, abraçados. No final do túnel, a luz de um dia nublado que já anunciava o temporal.

Breguice a Globo mostrou ao utilizar caracteres ocupando 1/4 da tela, mostrando o resultado. Mas quando os detalhes de carrinhos foram congelados em close no replay... Ai o jogo não deixou dúvidas. Wilson Mano, por exemplo, deu um carrinho faltoso em Rai aos 25 minutos do segundo tempo. A câmera lateral compôs a cena em detalhes: na repetição o pé direito de Mano atinge o tornozelo esquerdo de Rai. Pernas para cima, em tela cheia.

Depois do raio, perda de sinais e pés encharcados, a Globo venceu a briga pela audiência: média de 34 pontos contra 15 da Bandeirantes, segundo dados do Ibope.

Roberto Pereira de Souza

O empate de ontem com o Corinthians e a conseqüente conquista do título de campeão paulista não podem ser encarados como novidade para um clube que sabe se preparar. Com a implantação do Centro de Treinamento, o São Paulo tem mais condições do que os outros de descobrir, ensinar, treinar disciplinar, enfim, aperfeiçoar jogadores. Os títulos são uma conseqüência.

Estrutura, planejamento. E o título.



Para o São Paulo, o empate sem gols de ontem no Morumbi, foi acima de tudo a vitória de uma filosofia. Como no resultado de uma operação matemática, o São Paulo apenas recolheu os dividendos de quem pensou e realizou antes dos outros. De quem, com a implantação de seu Centro de Treinamentos, criou condições para descobrir e aperfeiçoar jogadores. De quem, com os seus métodos científicos para controlar as aptidões físicas do grupo, chegou à última partida intacto e pronto para desfrutar as vantagens do regulamento. A partir do primeiro título da década, o futebol voltou a ter lógica, ética e justiça. Para os que exigem, de um campeão, mentalidade competitiva, o São Paulo apresentou o primeiro tempo de ontem. Para os que se sentem diminuídos em ganhar os pontos na defesa, houve o segundo tempo. Isso, ainda dentro de um contexto que não desprezou as individualidades nem as soluções táticas.

O São Paulo, aliás, foi o espetáculo, ontem. O seu time, dominador e possessivo, conhecia o adversário a ponto de saber que a única chance dele era a agressividade e a coragem, já que não havia margem para uma comparação técnica entre ambos.

O Corinthians sentiu-se tão vazio e inferior que chegou a desestimar a sua própria torcida. Ela bem que quis executar a sua parte no script, na base de urros e de alegorias impressionantes, mas, por falta de retorno, acabou desistindo. Os movimentos sincronizados das palmas, formando com os braços um losango acima da cabeça e as várias fileiras mexendo-se em sentidos opostos acabaram logo.

Para começar, Telê Santana partiu do princípio correto: o espaço vital para o Corinthians de Cilinho é aquele que a defesa deixa ao avançar até o meio de campo. Naquele vácuo, a presença de Giba pela direita, de Wilson Mano pelo meio ou as mudanças súbitas de jogo tornam-se quase fatais.

Por isso, como havia treinado na sexta-feira, os zagueiros de área do São Paulo colocaram-se bem atrás, reduzindo o campo de operações do inimigo. Nelsinho, então passou a ser um terceiro stopper. Assim, na única oportunidade em que Tupázinho apareceu livre, pelo meio, aproveitando-se de um avanço de Antônio Carlos e passando por Ronaldo, Nelsinho fez a cobertura no meio, desarmando-o facilmente.

Ao mesmo tempo, os volantes Sídney e Suélio mantinham-se à curta distância dos zagueiros, o que impossibilitava os atacantes preparar as jogadas que provocaram a maior parte dos gols do Corinthians no campeonato. Com Sídney do lado direito, Cafu pôde sair no apoio, mas só o fez com a bola dominada, para evitar riscos. Caso fizesse mais jogadas de linha de fundo, em vez de cruzar da intermediária para a área (o que pega os



Müller ganhou a disputa com Marcelo. O atacante esteve no nível do seu time, jogando um futebol consciente, de quem entrou em campo sabendo o que queria. O corinthiano não conseguiu superar o seu nervosismo. Foi mal.

atacantes de costas e os zagueiros de frente), a defesa não resistiria. Dentro desse arranjo dos zagueiros, tornaram-se inúteis todos os truques de Cilinho. Marcelinho, por exemplo, quando a sua defesa saía jogando, deslocava-se da direita para a esquerda, onde se encontrava com Tupã, para ambos tentarem a jogada de envolvimento. Mas sofrendo o primeiro combate do volante, ainda que se livrassem, acabavam dominado pela cobertura dos zagueiros, já que Ronaldo sempre ficou na sobra, dobrando a marcação.

Para completar a imobilização do adversário, Elivélton não deixava Giba atacar. Assim, o Corinthians passava a depender das jogadas pessoais de Mano e Ezequiel, que precisariam penetrar com a bola, o que não é o forte de nenhum deles. Mas o plano de jogo do São Paulo incluía o ataque também. Zetti, no primeiro tempo, apenas por duas vezes lançou Raí pelo alto, como costuma fazer. O seu destinatário preferido foi Müller, que ganhou quase todas as disputas com Marcelo. Como Raí, sofria marcação paralizante de Jairo, Eli-

vélton passou a acionar os contra-ataques, repetindo as atuações que o levaram a titular da Seleção Brasileira. No segundo tempo, outro gesto arrojado do São Paulo. Em vez de se agarrar à defesa, avançou Suélio, manteve Raí como um quase ponta de lança e ainda liberou Cafu na frente. Sem contar os avanços de Antônio Carlos ou Ronaldo nos escanteios. Ai, só faltou o gol para atingir a apoteose total. Mas da maneira que o campeão se comportou, isso não passou de um simples detalhe. Sérgio Baklanos

FICHA TÉCNICA

São Paulo: Zetti (7), Cafu (6), Antônio Carlos (8), Ronaldo (7) e Nelsinho (2); Sídney (8), Suélio (9), Raí (7) e Elivélton (9); Macedo (7) e Müller (7). Técnico: Telê Santana (10).

Corinthians: Ronaldo (8), Giba (6), Marcelo (5), Guinei (6) e Jacenir (6); Jairo (6), Ezequiel (5/Carlinhos/2), Tupázinho (4) e Wilson Mano (5); Marcelinho (7) e Paulo Sérgio (4). Técnico: Cilinho (3).

Juiz: Ilton José da Costa (regular).

Renda: Cr\$ 371.363.000,00.

Público: 106.142 pagantes.

Cartões amarelos: Marcelo, por indisciplina; Raí e Suélio, por jogo brusco.

Local: Morumbi, ontem à tarde.

Ilton: uma ou outra falha. Mas irrelevantes.

Antes mesmo da realização do "sorteio", a imprensa inteira já sabia da indicação de Ilton José da Costa para a decisão. Mas, de qualquer maneira, essa circunstância não influenciou em seu desempenho.



Campo pesado? Ilton passou no teste físico.

Diante do estado em que ficou o gramado com a chuva, Ilton José da Costa preferiu optar por uma arbitragem implacável, sem deixar passar as faltas de menor importância. Assim, desobedeceu à lei da vantagem muitas vezes, o que contribuiu para quebrar o ritmo da partida.

Mas, pela maneira com que os jogadores se portaram, aquela providência tornou-se exagerada — todos se concentraram mais em jogar pelo resultado que em praticar a violência.

De toda forma, as falhas de Ilton não foram relevantes: a falta de Tupázinho em Macedo — a mais grave delas — aconteceu fora da área. Depois de uma falta dupla, de Suélio e Raí, em Guinei, Ilton José da Costa advertiu Suélio, que apenas empurrou o adversário, e poupou Raí (que fez a falta por trás mas já havia recebido um cartão amarelo).

Diante da importância da partida, esses erros gozam de certa tolerância. Ilton José da Costa não entrou em pânico quando a partida alcançou uma temperatura alta, nem se deixou enervar. Ainda mostrou ótima condição física para acompanhar os jogadores no campo pesado.

Assim, a atuação de Ilton José da Costa (que, apesar das interrupções da partida, não concedeu qualquer desconto, tanto no primeiro quanto no segundo tempo), ontem, pode ser classificada de regular. S.B.



Zetti, 26 anos.	Cafu, 21 anos.
A. Carlos, 22 anos.	Ronaldo, 26 anos.
Nelsinho, 28 anos.	Sídney, 21 anos.
Suélio, 24 anos.	Raí, 26 anos.

Zetti — Disputou todas as partidas e em um número insignificante delas teve atuações abaixo da média. Chegou até a ensinar uma nova seria invicta, produto de sua dedicação nos treinamentos e à sua mania de perfeição, já que é um escravo dos treinamentos, renunciando até às folgas. Ontem, o time não precisou tanto dele, mas, diante das condições do gramado até que mostrou muita firmeza.

Cafu — Tornou-se a saída de emergência quando os adversários passaram a reservar um marcador pessoal para Raí, já que as jogadas mais rápidas e agressivas foram produzidas por ele. Durante o campeonato, aperfeiçoou bastante os passes e cruzamentos. Mas ontem, por não chegar à linha de fundo, acabou facilitando a devolução das bolas altas pelos zagueiros.

Antônio Carlos — Um zagueiro de personalidade, ágil nas antecipações, duro no combate e com muita impulsão. Só precisa aprender a usar o corpo nas bolas altas para se completar. E também não pode se deixar levar pelas provocações dos adversários, o que ocasionou três expulsões suas durante o campeonato. Ontem, manteve à distância todos os atacantes e falou apenas em uma oportunidade.

Ronaldo — Um quarto-zagueiro destruidor, principalmente no jogo aéreo, de muito poder de marcação, mas que deixa a desejar na entrega da bola. Deu certo ao lado de um zagueiro da linhagem de Antônio Carlos. Outra qualidade sua é não abusar do físico para atingir os adversários.

Nelsinho — Agora muito mais amadurecido, já não é tão explosivo e nem aceita provocações. Neste final de campeonato jogou muito mais para o time, exibindo — como ontem — um perfeito sentido de cobertura e eficiência nos desarmes. Além do mais, aprendeu a apoiar na bora certa, o que não era o seu forte.

Sídney — Um volante cumpridor, que dificilmente apresentava atuações acima da média. Mas nestas finais revelou inesgotável poder de marcação e de cobertura. Colaborou para a melhoria do nível do meio de campo. Apesar de muito combativo, não chega a ser violento. Ontem, o ataque do Corinthians parou: nele.

Suélio — A princípio parecia não se encaixar no esquema, pois mostrando lentidão, não conseguia aproveitar-se de uma de suas características principais: estar sempre livre para receber a bola. Mas com o tempo assimilou a função e apareceu muito mais no bloqueio do setor do que na criação. Ontem, por exemplo, marcando por zona, barrou todos os atacantes que passaram pelo lado esquerdo.

Raí — Um jogador que conseguiu equiparar o seu futebol ao nível intelectual. Uma combinação feliz de performance e racionalização do esforço. Ele, sem dúvida, levou o time às finais. Ontem, muito marcado, teve a sensibilidade de jogar na base de toques, renunciando ao lugar de 'prima dona' só para não retardar o jogo. Uma atitude sua, durante o jogo, revelou o seu estilo refinado. Ao perceber que a bola lança-

da por Zetti, cairia sobre Jairo, sem que este pudesse controlar a impulsão, afastou-se. A bola caiu exatamente em seus pés. Atingiu a maturação, antes do tempo.

Elivélton — Suas penetrações com a bola destruíram muitas defesas. Mas a convocação para a Seleção lhe fez mal. Ontem, porém, reencontrou a sua identidade e, pelo jeito, não vai perdê-la mais. Tem qualidades difíceis de conciliar: agressividade no ataque e persistência na marcação. Um ponta moderno, que soube ampliar a sua órbita de atuação.

Macedo — Um jogador ainda em formação, que tem repentes de craque e depressões repentinas. Mas como atacante de verdade, costuma crescer dentro da área. Seus dribles e chutes chegam a ser desconcertantes. Ontem, por exemplo, jogou mais na troca de passes, fazendo o pivô para Raí. De qualquer maneira, apesar da irregularidade, também deixou a sua impressão digital na taça do Campeonato Paulista de 1991.

Müller — Se Raí é o gatilho, Müller é o projétil. Atacante explosivo, que se dá muito bem atacando pelo lado esquerdo. Trata-se de um ponta de lança requintado, que sabe executar tabelinhas e lançamentos longos também. Melhorou muito a sua impulsão e se trabalhou melhor o golpe de cabeça, acrescentará outro instrumento ao seu imenso arsenal. Não gosta do jogo duro, irrita-se ao recebê-lo, mas como o tempo, amadurecendo, chegará perto da perfeição. (S.B.)

Müller, 25 anos.	Macedo, 21 anos.
Elivélton, 20 anos.	Adílson, 26 anos.
Vitor, 19 anos.	Baiano, 22 anos.
Rinaldo, 26 anos.	Telê, 60 anos.

Aos 26 anos, Raí atingiu um estágio que já lhe garante a condição de melhor jogador em atividade no Brasil. Ele começou a despontar para a atual fase da sua carreira quando percebeu que o futebol é dos artilheiros.



Deixou de ser uma espécie de segundo volante, como jogava com Carlos Alberto Silva, para atuar como terceiro homem de meio de campo, mais adiantado. E aprendeu com Telê Santana a ser determinado.

RAÍ, UM ELOGIO AO FUTEBOL.

Somente a um jogador o título paulista apareceria como outro triunfo para a coleção — mais que a importância despertada pela faixa de campeão, o meia Raí, do São Paulo, encerra a temporada festejando por finalmente ter descoberto seu lugar no contexto: estabilizado tecnicamente, ele adquiriu outra visão do futebol quando acrescentou ao estilo refinado a ambição, a palavra-chave dos novos tempos. A essa receita, somou ainda uma determinação até então inexistente, o que o elevou a uma unanimidade. É reconhecido pelos próprios companheiros como o melhor jogador em atividade no Brasil.

“Ele entendeu que devia participar mais do jogo”, comenta o técnico Telê Santana. “Quando cheguei no São Paulo, no ano passado, encontrei o Raí acomodado e com um estilo muito lento. Assim, ele só participava quando estava com a bola. Se nosso domínio da partida fosse menor, Raí simplesmente desaparecia.” Por isso, começou jogando no ataque já no Campeonato Brasileiro de 90, convencido de que só os gols poderiam devolver sua importância no time. No início, Telê não gostou do plano e chegou a ameaçá-lo com a reserva. Uma série de conversas resolveu o entrave: Raí não jogaria tão recuado como no tempo de Carlos Alberto Silva, em 87, nem tão à frente como pretendia. Ele passou a ser um terceiro homem do meio-campo. “Percebi que realmente eu deveria assumir mais responsabilidade, ser um jogador mais ambicioso.”

A aplicação foi intensificada nos treinamentos. Raí pretendeu que o desempenho atlético acompanhasse o crescimento do rendimento técnico. Ao mesmo tempo em que ajustava seu corpo às medidas corretas (atingiu o índice ideal de 9% de gordura para um atleta, com os 89 quilos bem balanceados em seu 1m91, altura que quase o convenceu a ser jogador de basquete), o meia aprimorava o sentido de marcação e de ataque. “Consegui melhorar o cabeceio. Agora subo de olhos abertos e já calculo melhor o tempo da bola”, garante.

A ascensão de Raí passou primeiro e por um difícil estágio, que lhe rende as glórias de agora. Mas ele ainda tem uma boa distância a percorrer para atingir a condição de craque. Sem esconder que a determinação do jogador foi essencial para o crescimento de seu rendimento, o técnico Telê aponta ainda um detalhe: “Raí rende melhor quando atua em uma equipe bem entrosada.” O comentário do treinador, além de rasgar um indizível elogio ao próprio trabalho, aponta o caminho que explica a má atuação do meia durante a Copa América. Como a equipe não se entendia como um todo, Raí se perdeu em campo com uma pálida atuação. Um problema que pode novamente acontecer caso o time do São Paulo sofra uma grande mudança ou mesmo se o jogador se transferir para outro clube.

Os projetos pessoais

Raí garante não desconhecer o problema, mas prefere a paciência à precipitação, sem o risco da queda livre, baseada principalmente nos projetos pessoais: aos 26 anos, já pensou em ser historiador mas desistiu no primeiro semestre do curso, tentou a fisioterapia mas não conseguiu conciliar com o futebol, era candidato a presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais mas preferiu um cargo como secretário. “Raramente tomo atitudes radicais. Procuro pensar muito antes e isso me traz problemas. Sempre precisei lutar contra a imagem criada sobre meu modo de ser, porque as pessoas confundem minha tranquilidade com apatia”, explica.

Com contrato até agosto (que lhe rende US\$ 8 mil de salários mensais, além de US\$ 80 mil de luvas e um Santana do ano), Raí protela uma mudança em sua carreira, motivada por uma transferência para o Exterior que se torna irreversível à medida que o São Paulo acumula feitos. Durante todo o campeonato paulista, o meia foi observado por olheiros espanhóis, interessados pelas informações dadas pelo lateral Leonardo, que trocou o Morumbi pelo Valência.

Assim, em setembro, dois dirigentes do Cadiz assistiram ao jogo São Paulo x Juventus, no Canindé. No mês seguinte, foram os mensageiros do próprio Valência a acompanhar os treinos no CT da Barra Funda. E agora o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta não nega ter sido sondado pelo Real Madrid. “São especulações ainda, que só vou pensar quando se transformarem em proposta. E garanto que só aceito se me sentir em condições técnicas e táticas de jogar na Espanha. Não posso me quei- ▶▶▶



Raí, distante da fama de jogador lento e próximo da imagem de craque consagrado.

Um time e uma Seleção para mais dez anos

O São Paulo e a Seleção Brasileira têm time para mais dez anos. Dos oito jogadores convocados, apenas Zetti e Raí passaram da casa dos 25 anos. Cafu, Antônio Carlos, Elivélton e Macedo estão saindo agora dos 20 anos. Os dirigentes reconhecem que segurar essa constelação no Morumbi não será nada fácil. “Temos alguns planos para manter nosso principais jogadores, mas considero muito difícil segurar todos aqui.” As palavras de Casal De Rey revelam a intensidade do problema. Se depender de Macedo, não. “Minha vida é o São Paulo, não quero sair nunca daqui.”

Macedo completa hoje 21 anos. Um diretor até queria levá-lo no Mezza Luna, um requintado restaurante dos Jardins, para comemorar. Mas a apresentação à Seleção Olímpica impediu Macedo de saborear pratos da cozinha italiana. Cafu, 21 anos, também se apresenta hoje ao técnico olímpico Ernesto Paulo. Entusiasmado com o título, ele lembrou aos diretores que “agora não é momento de se desfazer dos jogado-



A foto do título, repetindo a pose do Brasileiro deste ano.

res novos”. “A diretoria tem de dar um jeito e segurar essa meninada, continuar apoiando nosso trabalho.”

Elivélton, 20 anos, é outro nome do time e da Seleção dos próximos dez anos. Convocado e adorado por Parreira, tem presença garantida nas seleções Principal e Olímpica. “Ficaram falando que eu estava mascarado porque cheguei na Seleção. Tem nada disso não. É que tenho muita dificuldade de falar, e por isso não converso muito,” disse com certa insistência na construção das frases.

Entre os outros convocados, Raí, Zetti e Ronaldo têm 26 anos, Müller

chegou aos 25, e Antônio Carlos alcançou 23. Parreira e o São Paulo sabem que nos próximos dez anos estarão bem servidos. O único problema: a cobiça dos mercadores da Europa. Antônio Carlos e Raí receberam propostas para jogar na Espanha. Cafu também está na mira. Macedo e Elivélton se aproximam de ganhar projeção igual a dos companheiros mais famosos. O futebol brasileiro está diante de uma nova geração de bons jogadores e não sabe como não deixar escapar essa safra. Djair e Élber, ambos com 18 anos e na Seleção Olímpica, já foram vendidos para o futebol italiano.

L.A.P.

mar justamente nesta fase em que vivo o melhor momento da minha carreira garante.

A prudência foi adquirida ao viver a fase de transição de duas décadas no São Paulo. Comprado em 8 de setembro de 87 ao Botafogo, pelo preço recorde na época de Cr\$ 23 milhões (porque o Vasco se recusou a negociar Romário), Raí desfrutou de momentos diversos: foi campeão em 87 mas “rebaixado” em 90. Carregava ainda a incômoda pecha de jogador lento. Quando chegou, o então técnico Carlos Alberto Silva mudou sua função, tirando-o do ataque (função que executava no início da carreira) para a cobertura da defesa, como segundo homem, e ainda aparecer no ataque. A redenção só aconteceu com a medida de Pupo Gimenez, que assumiu o cargo de Silva e liberou Raí para jogar do meio-campo para frente.

O retrocesso ameaçou quando outro técnico, Forlan, trouxe seu amigo uruguaio Carrasco, ainda mais lento, que quase minou suas chances de aparecer. O processo de recuperação só veio com a chegada de Telê, no ano passado. Como duas distensões em 90 atrasaram muito sua carreira, Raí percebeu que a temporada de 91 seria decisiva. Ao marcar o maior número de gols no Campeonato Paulista (depois de ser apontado como um dos destaques na conquista do Brasileiro), Raí, craque, percebeu que futebol é dos artilheiros.

Ulbratan Brasil

No fim, uma homenagem justa. A Telê.

Ao ouvir o apito final do jogo, o meia Raí definitivamente abandonou o estilo sóbrio que o acompanhou durante todo o campeonato. Correndo, pulando e gritando de felicidade, o artilheiro do torneio (com 20 gols) comandou a festa dos companheiros, iniciando a volta olímpica e a entrega das taças. “Minha concentração antes e durante a partida é muito grande, o que me deixa calado. Mas, depois da conquista, volto a ser mais espontâneo, como uma criança”, vibrou.

O gesto mais emocionante da comemoração de Raí foi comandar a corrida dos jogadores até o técnico Telê Santana, que já não continha as lágrimas enquanto participava de uma entrevista coletiva. Abraçado e beijado por Raí, o técnico foi erguido aos seus ombros e carregado em triunfo. “Ele precisava muito desse reconhecimento dos jogadores”, comentou o meia. “Raí provou que é o melhor jogador em atividade no Brasil dentro de campo, exibindo uma técnica incomparável hoje”, disse o treinador, devolvendo os confetes.

“Desde as derrotas nas Copas da Espanha e do México, Telê sempre foi injustiçado, pois cobravam resultados e não analisavam o conteúdo de seu trabalho. Agora, ele provou que é um técnico exemplar, conquistando num só ano os títulos brasileiro e paulista, os mais difíceis da América do Sul”, disse Raí, que após a homenagem ao técnico foi receber a taça Governo do Estado de São Paulo das mãos do presidente da CBF, Ricardo Teixeira. Em seguida, comandou os companheiros na volta olímpica, que terminou no vestiário, onde também também iniciou a festa, abrindo uma garrafa de champanha de procedência duvidosa.

Ainda insatisfeito, Raí abriu as torneiras e iniciou uma guerra de água, que se espalhou entre os jornalistas e a torcida que já invadia o vestiário. Com a habitual cobiça, os torcedores deixaram o meia apenas de calção. “Essa festa, que começou com o estádio lotado, prova que o futebol ainda está vivo e que só passa mal quando sofre com os regulamentos mal feitos”, desabafou, para depois subir na grade que separa a torcida do vestiário para cantar o hino do clube junto de Antônio Carlos, Müller e Cafu.

O reconhecimento da torcida e dos jogadores até arrancou confissões eufóricas do jogador, como a garantia de pensar muito sobre o conselho dado pelo irmão Sócrates, de que não deveria deixar o País nesse momento. “O São Paulo vive um momento sensacional e não gostaria de perder essa fase”, comentou. Raí não desconhece o intrincado esquema já montado pelo São Paulo para garantir que continue no clube, lutando contra propostas do futebol europeu, especialmente da Espanha. “Se tudo der certo, Raí ficará no São Paulo por mais um bom tempo”, garantiu o diretor de futebol, Fernando Casal de Rey. U.B.

Outra glória para o ex-romântico

As derrotas para a Itália na Copa do Mundo de 82, para a França na Copa de 86 e para o Corinthians na final do Campeonato Brasileiro de 91 modificaram a filosofia de Telê Santana. No discurso, ele continua sendo um fervoroso defensor do futebol-arte. Na prática, nem tanto.

Uma luta incessante acompanha o técnico Telê Santana, do São Paulo: a de alimentar meticulosamente a fama de o último treinador romântico do futebol brasileiro, aquele que só aceita o chamado futebol-arte como soberano nos gramados, o profissional, enfim, que morre abraçado às suas convicções, indiferente às opiniões alheias. Nessa batalha pessoal, porém, Telê criou uma imagem contraditória: a do homem que discursa fervorosamente em favor da arte nos campos mas que não abre mão da retransmissão para garantir um resultado favorável — e curiosamente não admite ter utilizado tal artifício. Ainda que as contradições sejam normais ao longo de sua carreira, Telê, acima de tudo, quer mostrar que suas convicções seguem inabaláveis.

O treinador do São Paulo vive seu drama desde as derrotas nas Copas da Espanha (1982) e México (1986), quando foi desclassificado justamente pela fidelidade ao pensamento de armar uma equipe preocupada apenas em atacar. A convicção de ter feito um trabalho competente ("São times lembrados em qualquer lugar do mundo, até aqui.") sempre lhe valeu como o argumento mais convincente para explicar o que é inaceitável no futebol brasileiro: a derrota. Enquanto Telê falava ao longo dos anos e não conquistava títulos importantes, crescia sua fama de pé-frio e a de teimoso ferrenho. A situação chegou a um ponto que até se tornou injusta a melancólica auto-ironia que insis-

te se repetir desde setembro de 1986, quando a Justiça rejeitou a queixa-crime que o técnico moveu contra o chargista Marco Aurélio, do jornal Zero Hora. O artista reproduziu o corpo de um burro com a cabeça de Telê, após o Brasil ser eliminado pela França do Mundial de 86.

Mudança começou com derrota para o Corinthians

Durante muito tempo Telê manteve suas posições de uma forma radical. As manifestações contra a violência reagia insistindo com frases como: "A falta cometida pelos meus jogadores são normais. Não admito deslealdade". A prática, porém, comprovava que seus times nunca eram tão delicados assim. Sobre a fama de moldar equipes que sempre jogam bonito, ao decidir o título brasileiro contra o Bragantino em junho deste ano dava sinais claros de que havia reformulado alguns conceitos: "Nunca fui contra jogar feio quando é necessário. Quando se está morrendo, mesmo que não se acredite, você pode apelar para a macumba".

Os métodos de Telê Santana finalmente começaram a mudar depois da final do Campeonato Brasileiro do ano passado, quando o São Paulo decidiu com o Corinthians. O perfeccionista Telê, quando assumiu o São Paulo, ainda necessitava lustrar um pouco mais o seu ego, abalado pela pobre campanha no Flamengo e pela estragadora passagem no Palmeiras. Nas suas mãos, o time que não conseguia atacar e nem

sabia se defender acabou se classificando com a defesa mais forte e o ataque mais realizador do torneio. Mas no momento da decisão, para não mostrar ingratidão com o zagueiro Ivan ou o atacante Eliel, Telê recusou-se a escalar Ricardo Rocha e Zé Teodoro. Eliel já havia parado de marcar, mas nem assim o treinador o sacou do time. Dentro de sua lógica, mudar a equipe só para apresentar serviço não faz seu gênero.

A derrota para o Corinthians (que foi mais eficiente, apesar do estilo menos elegante mas muito mais compacto e solidário) detonou a mesma série de críticas dos desafetos. E daquela vez de nada lhe valeu culpar a arbitragem condescendente de Edmundo Lima Filho e a atitude anti-esportiva dos jogadores corinthianos, que catimbaram à vontade. O propagado futebol-arte de Telê Santana, que de fato existia mas não vencia, acabou sendo mantido no discurso, na forma, mas mudou na essência.

Como a derrota não influenciou no juízo da diretoria (que o convenceu a arquivar novamente o desejo de se aposentar em troca de um polpudo salário), Telê manteve-se no São Paulo por mais essa temporada, quando promoveu suas primeiras mudanças. Era a chance para o treinador provar que uma pessoa que já acumulava cerca de US\$ 3,5 milhões só com seu trabalho e que vencera até então os campeonatos carioca, mineiro, gaúcho, árabe e já era campeão brasileiro não era nem burra nem derrotada. O São Paulo então

conseguiu combinar a fórmula de dois componentes que normalmente se repelem: as exigências técnicas com as características individuais de seus jogadores.

Campeão do Brasil com um 0 a 0 em Bragança

Na decisão contra o Bragantino, em Bragança Paulista, no mês de junho, Telê continuava alardeando que nem pensaria na vantagem proporcionada pelo empate mas, entre um discurso e outro, deixava escapar que "o futebol tem momentos em que petecar uma bola na área é arriscado. É melhor dar balão para fora". Foi o que fez e garantiu o título. Aparentemente livre da incômoda fama de perdedor, Telê decidiu se aprimorar, aproveitando a absurda brecha do regulamento do campeonato paulista que permitiu o São Paulo disputar a fase inicial na série mais fraca. Pelo método de repetição, fez o time assimilar os escanteios ensaiados e as jogadas preparadas. Na semifinal não se envergonhou de jogar na defesa contra o desesperado Palmeiras, garantindo a vaga para a final com proezas como o senso defensivo de Rai beirando a violência. E, diante do Corinthians, venceu a primeira partida ao atuar mais no erro do adversário. Telê finalmente descobriu que o prato da balança sempre se inclina para o lado de quem só ataca.

Ubiratan Brasil



"Fomos os melhores do campeonato. Disparado!"



Telê não sabe se fica em 92

o início do jogo. Ele é um técnico arrojado. O empate de hoje (ontem) também foi uma prova de fogo para o São Paulo, pois enfrentou um adversário determinado.

A certeza da qualidade técnica exibida pelo São Paulo me foi dada quando soube que inúmeros torcedores que não eram são-paulinos assistiam aos nossos jogos só pelo prazer de acompanhar um bom futebol. Eu mesmo, quando era jogador, ia assistir às partidas do Santos, porque mesmo tomando dois ou três gols, o time fazia quatro ou cinco.

Esse campeonato mostra também que o futebol paulista está em ascensão. Até a arbi-

tragem — que foi muito mal no Campeonato Brasileiro do ano passado — mostrou sinais de progresso, permitindo que talentos como Rai, Evair, Marcelinho e outros pudessem jogar, coibindo a violência dos maus atletas.

Isso me deixou extremamente contente, a ponto de nem conseguir segurar as lágrimas. (Ao final do jogo, Telê chorou. E, no momento em que iniciava uma entrevista coletiva ainda dentro de campo, foi carregado nos ombros pelos jogadores, capitaneados por Rai.) Essa prova de confiança dos atletas não tem preço. Eles revelaram que sabem distinguir o bom futebol, dentro e fora do gramado.

São atitudes como essa que me seguram ainda como técnico, adiando a aposentadoria. Não que eu já tenho decidido permanecer no São Paulo — isso só vou pensar no início do próximo ano. Antes quero descansar com minha família, passar o Natal e comemorar a conquista com meus dez irmãos em Minas Gerais. Quando voltar, digo minha decisão." (Depoimento ao repórter Ubiratan Brasil)

CAMPEÃO PAULISTA

1991

A Brahma cumprimenta o São Paulo e espera que todos os campeonatos terminem assim: com o futebol arte no campo e mais Nº 1 dentro do copo.

A CERVEJA Nº 1

Épocas diferentes, idéias contraditórias.

Sobre Seleção Brasileira:

"A Seleção não é coisa para gente séria." (agosto de 82, depois da derrota na Copa da Espanha)

"Nunca me arrependo das decisões que tomei. (...) Mas não consegui resistir às pressões e apelos que me fizeram e voltei à Seleção." (abril de 86, explicando seu retorno antes da Copa do México)

"Fui muito magoado. Seleção, nunca mais." (novembro de 87, lembrando mais um insucesso)

"Não tenho a menor intenção de voltar a dirigir a Seleção, nem como auxiliar-técnico." (agosto de 90, sobre especulações de substituir Sebastião Lazaroni)

"Desde que se mudem as regras, posso voltar. (...) Um contrato até 94 é fundamental." (setembro de 91, sobre especulações de substituir Falcão)

"Eu sabia que não voltaria." (setembro de 91, depois da indicação de Carlos Alberto Parreira pela CBF)

Sobre o relacionamento com jogadores:

"Um jogador que está trabalhando com admirável seriedade e ajudando muito é Leão." (abril de 86, antes da Copa do México)

"Ele entende de futebol, foi jogador há pouco, mas apresenta aspectos que não se condunam comigo." (agosto de 90, ao comentar a eventual ida do agora técnico Leão para a Seleção)

"Renato Gaúcho fez uma Copa União magnífica e sera tranqüilo o meu titular." (outubro de 88, quando assumiu o comando técnico do Flamengo)

"Se não apresentar condições morais, não joga comigo. Tem que ser homem e não mau caráter." (setembro de 91, sobre a possibilidade de convocar Renato se assumisse a Seleção Brasileira)

Sobre o futebol-arte:

"Futebol é arte, é diversão, sem chutão pra frente. Quando vou ao estádio e vejo um time fazendo coisas erradas, começo a torcer contra." (maio de 91)

"Se não posso comer caviar sempre, vou no sanduíche com a mesma disposição." (dezembro de 91, sobre a mesma vantagem diante do Palmeiras e Corinthians, no Campeonato Paulista recém terminado)

Sobre sua eterna despedida:

"Já conquistei praticamente tudo o que pretendi. Chegou a hora de pensar mais na minha família." (junho de 91)

"Não vou mais prometer que vou parar porque depois eu não consigo e as pessoas fazem piadas." (dezembro de 91)

Os jogadores sabiam: estava tudo perdido.

As declarações em tom heróico da véspera não passavam de tentativa de elevar o moral. Os jogadores sabiam que vencer o São Paulo duas vezes era impossível.

O técnico Cilinho foi o único a perder a compostura no vestiário do vice-campeão paulista. Nenhum jogador demonstrava a disposição em rolar com jornalistas escadas abaixo. Tristes, decepcionados, esgotados, eles preferiam lembrar que, desta vez, haviam enfrentado o São Paulo, adversário superior, de uma maneira racional. As lamentações lembravam a partida da semana passada, quando o time foi goleado e teve de se submeter à insana missão de ganhar duas partidas em uma.

O erro aconteceu domingo passado. Jogamos totalmente errado e, agora, pagamos o preço. Fizemos hoje o que foi possível, mas a goleada nos desestruturou. Se tivéssemos ao menos empatado aquele jogo — dizia Jacenir.

E Giba lembrava:

— Pagamos por ter um time ainda em formação. Nossos principais atacantes têm entre 18 e 20 anos. A equipe ainda precisa amadurecer. Demos o máximo, mas não foi possível derrotar o São Paulo. Perdemos o título nos 3 a 0.

Atacar, uma técnica arriscada. Triste decisão.

A abusada escolha de enfrentar o time de Telê Santana no ataque, na partida inicial das finais, foi amaldiçoada por todos. Democrático, o treinador perguntou a cada um a melhor maneira de atuar contra o São Paulo. O placar foi massacrante: 10 a 1. Apenas Giba foi contrário à arriscada tática. Na segunda chance, a voluntariosa e humilde marcação conseguiu barrar o temido Rai e seus acompanhantes ilustres, como Müller, Macedo e Eilvelton.

— Estou de consciência tranqüila. Fiz a minha incumbência. O Cilinho mandou acompanhá-lo apenas no nosso campo. Quando ele voltava para buscar jogo na intermediária são-paulina, era para deixá-lo tocar bola à vontade. Ele só teve uma única chance de gol, no primeiro tempo — relembra Jairo, orgulhoso.

O volante que substituiu Márcio, contundido, abandonou Rai nos últimos 15 minutos da decisão.

— Senti que a partida estava chegando ao seu final e como o gol não

saía, fui jogar como centroavante. Naquela altura, qualquer tentativa era válida, admite.

O jovem atacante Marcelinho, derrotado na primeira final que participa, fazia questão de dizer que não havia motivo para decepção.

— Mostramos que nosso time não é inferior ao São Paulo. Pressionamos, criamos algumas chances de gol, só não conseguimos concretizá-las. O Corinthians foi bem diferente do primeiro jogo. A torcida não pode reclamar de nada. Nos aplicamos ao máximo, dizia até para se consolar.

Já Paulo Sérgio tinha sérios motivos para reclamar. Com o braço direito imobilizado, falava com rancor do seu companheiro de Seleção Brasileira, o zagueiro Antônio Carlos.

— Ele pisou de propósito no meu braço quando estava caído. Houve luxação. Isso não se faz a um companheiro de profissão. Estou profundamente decepcionado. Mas a pior atitude dele foi me dar um tapa na cara. Pena que o juiz Ilton José da Costa não percebeu, dizia.

Matheus: Cilinho só não fica se não quiser.

E mesmo com a luxação, Paulo Sérgio garantia que amanhã se juntaria à Seleção Brasileira, em Goiânia:

— Não vou desperdiçar a convocação.

Em relação ao futuro, o próprio Vicente Matheus fazia questão de declarar, desta vez oficialmente, que Cilinho vai continuar no Corinthians no ano que vem.

— Ele só não fica se não quiser. Estou muito satisfeito com o trabalho dele. Pela primeira vez estamos trabalhando a fundo na infra-estrutura do time. Não tem porque mudar. Ou o vice-campeonato não é uma bela colocação?, perguntava o dirigente.

Enquanto Wilson Mano espera que se concretize nesta semana o interesse do Espanhol e Neto, do Mallorca, o vice de futebol Pedro Fabiano não prometia grandes contratações em 1992:

— Dizem que o plantel do Corinthians é reduzido. Mas se tivesse, por exemplo, 24 jogadores, seriam 13 problemas. Vamos ficar com esse grupo. Estou satisfeito.

Cosme Rimoli



Sidnei contra Marcelinho no gramado molhado: faltou força ofensiva ao time de Cilinho.

ATACAR. MAS, COM QUEM?

A necessidade ofensiva exibiu a crônica falta de atacantes no Corinthians, que pagou caro.

Nove minutos do segundo tempo, Marcelinho cobra escanteio, Wilson Mano ganha de cabeça de Rai e a bola sobra pingando para Ezequiel; na entrada da pequena área, somente Zetti se interpõe ao gol que pode levar a decisão à prorrogação. No entanto, afobado, o jogador chuta como se estivesse cobrando um tiro de meta e despacha a grande chance corinthiana cinco metros acima do gol.

O lance caracteriza não só a fraqueza técnica de um jogador, mas o prejuízo de uma antinatural adaptação. Assim como Jairo e Wilson Mano, Ezequiel passou mais de cinco anos se especializando em marcar e não em atacar. Na partida que o Corinthians mais precisava de goleadores ficou provada de vez a falta de talento dos volantes na grande área do São Paulo.

— Não faltou vontade de fazer os gols. Não fui só eu quem perdeu. Erramos na finalização. Quando acabou a partida, o técnico Cilinho fez questão de nos elogiar. Fomos super-eficientes. Agora é pensar no ano que vem — resumia Ezequiel, satisfeito com a sua atuação, sem perceber a crônica falta de agressividade de um time acostumado a se defender e contra-golpear o adversário.

— Não dá para esconder: nós temos poucos atacantes. O nosso meio de campo é forte na marcação, mas falha em



Ezequiel: falta de preparo.

jogar longe do gol. Não tive com quem tabelar. Eu e o Marcelinho ficamos enfiados, contra quatro, às vezes cinco zagueiros do São Paulo — confessa Tupázinho.

A expulsão de Dinei no primeiro jogo da decisão colocou por terra as afirmações de que a boa campanha do time até a final dependia apenas do forte conjunto do Corinthians. Com o reduzido elenco de profissionais, Cilinho não teve outra saída a não ser colocar em campo o

meia Tupázinho, que até havia perdido a condição de titular durante o campeonato. Dinei, que na verdade é meia direita, tinha como reserva para a posição de centroavante, Carlinhos. Contratado por empréstimo ao União de Susano, o jogador não conseguia se firmar nem no time de aspirantes.

O vigor físico de Ezequiel, Márcio, Wilson Mano e Jairo maquiou outra ausência significativa: a do meia Neto. Num maneira de valorizar o grupo de jogadores que tinha nas mãos, Cilinho nunca revelou publicamente a importância por perder tão decisivo jogador. "Se o Neto estivesse nesse time, o nosso potencial seria várias vezes maior. No primeiro jogo contra o São Paulo ficou provado isso. E não só pelas faltas: sua presença já bastaria para impressionar os adversários", anteviam Jacenir e o goleiro Ronaldo, os que mais sentiam a lacuna deixada pelo meia.

Embora o técnico cansasse de repetir a sua ousadia estratégica, o Corinthians não teve a melhor defesa de todo o Campeonato Paulista por acaso. A opção pelo contra-ataque sempre foi a primeira. Quando, ontem, teve que tomar a iniciativa, o time denunciou publicamente a falta que fazem jogadores acostumados a apenas se preocupar em marcar gols e não em evitá-los.

C.R.



Ronaldo, 24 anos.



Giba, 27 anos.



Marcelo, 25 anos.



Guinei, 22 anos.



Jacenir, 32 anos.



Jairo, 25 anos.



Ezequiel, 29 anos.



W. Mano, 27 anos.

Ronaldo — O tempo passa, mas Ronaldo sempre vai acrescentando algo ao seus conhecimentos. Goleiro de físico ideal, nem forte a ponto de atrapalhar a agilidade, nem frágil a ponto de não resistir aos choques da área. Precisa apenas controlar o temperamento, pois com a sua maneira ruda de chamar a atenção dos acompanhantes, acaba descontrolando-os. Mas, por outro lado, não aceita esse tipo de tratamento dos outros para si. Ontem, se o Corinthians precisasse do empate, seria um dos heróis do time.

Giba — Um jogador inteligente, que sabe aproveitar muito bem as suas qualidades, ao mesmo tempo em que dissimula os defeitos. Só no final do campeonato os adversários decoraram os seus movimentos e perceberam que tinha o peso de um atacante no sistema de jogo. Contra o São Paulo, nas duas oportunidades, teve Eilvelton como marcador e já não rendeu tanto. Se bem que individualmente não tenha deixado a desejar.

Marcelo — Um zagueiro leve, ágil e bom marcador. Mas é muito vulnerável no jogo alto, não só pela impulsão insuficiente, mas por não dominar a arte da colocação. Como possui bom nível intelectual (é estudante de engenharia mecânica), alcançará o seu aperfeiçoamento. Ontem, se dependesse dele, a defesa não teria sustentado o zero a zero, pois perdeu as disputas com Müller.

Guinei — Jogador técnico, que começou muito bem, mas que, de repen-

te, estacionou. Entrega bem a bola, mas na marcação deixa a desejar. O físico não é o ideal para a posição, mas precisa aprender a utilizá-lo melhor. A vantagem é que não é violento e tem bom domínio dos nervos.

Jacenir — Pode ser chamado de revelação tardia, pois era considerado descartável no Corinthians, andou pelo Noroeste e mostrou moral para reagir. Diziam que seu defeito era não jogar duro. Mas evoluiu sem descambar para a violência descontrolada. Muito veloz e dotado de chute bem dirigido, o que o torna eficiente no apoio. Nas partidas com o São Paulo, por razões estratégicas, funcionou mais como marcador. E não decepcionou.

Jairo — Entrou para jogar apenas contra Rai e procurou executar o seu trabalho ao pé da letra, sem acrescentar nada a ele. Mas, de certa maneira, atingiu o seu objetivo, já que entre o Rai da outra partida e o desta, havia um marcador feroz, sem ser violento. No final, deixou o campo com a consciência tranqüila. Outros recursos, ele já havia mostrado no começo do campeonato, quando chegou até a tornar-se artilheiro, aproveitando-se da potência de seu chute.

Wilson Mano — Assumiu a liderança do time especialmente depois da saída de Neto e, individualmente, foi o destaque da fase semifinal, fazendo inclusive gols decisivos. Mas apenas sua força de vontade e espírito de equipe não foram suficientes

nas partidas contra o São Paulo. Ontem, esteve perdido na marcação e não chegou a ajudar o ataque como deveria. Pode deixar o clube se for confirmada uma proposta do Exterior.

Marcelinho — Foi a grande revelação da temporada para o Corinthians. Habilidade, com personalidade, foi importantíssimo inclusive nos momentos decisivos da fase semifinal e teve um entrosamento perfeito com Dinei. Na partida de ontem, manteve o seu nível: foi o atacante que mais criou e mais brigou contra a defesa são-paulina.

Tupázinho — Barrado por Cilinho na metade do campeonato, precisou entrar na final por causa da suspensão de Dinei e esteve bem, com sua movimentação habitual, desorganizando a marcação do meio-campo adversário. Mas, também ontem, mostrou que ainda se ressentia da falta de presença física, especialmente dentro da área, no ataque. Não deve continuar no time em 92.

Paulo Sérgio — Importante durante o campeonato, mas irreconhecível nas duas partidas finais, especialmente ontem, quando chegou a atrapalhar as jogadas de ataque por sua falta objetividade. Teve participação decisiva em algumas partidas, o que o levou à Seleção Brasileira, mas foi justamente depois da convocação que começou a decair. Mostrou que caiu muito nos momentos decisivos. **S.B.**



Marcelinho, 18 anos.



Tupá, 23 anos.



P. Sérgio, 22 anos.



Márcio, 27 anos.



Neto, 25 anos.



Fabinho, 26 anos.



Dinei, 20 anos.

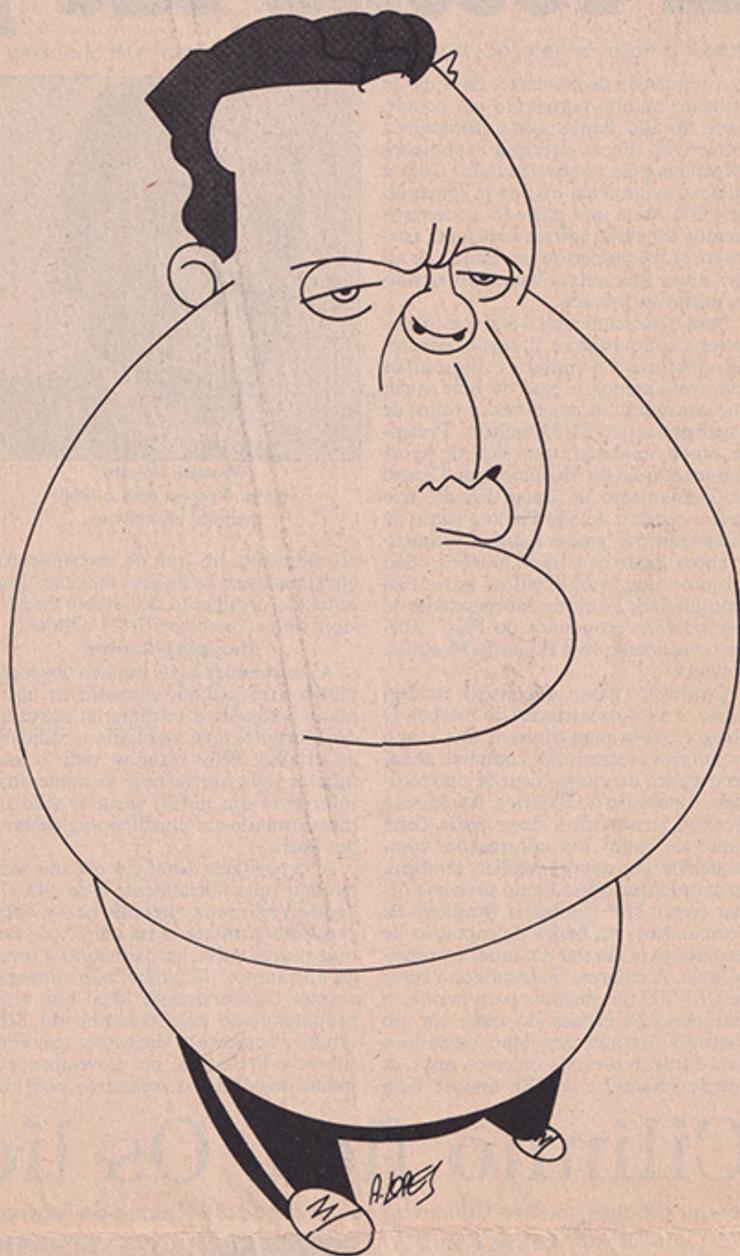


Cilinho, 52 anos.

Técnico que é capaz de juntar espiritualismo e poesias com pancadas nos adversários, Cilinho tem um acerto para fazer hoje, no Parque São Jorge. Ele começou o "serviço" ontem, agredindo o repórter Cosme Rímoli, do JT.

Cilinho abre caminho. No braço.

"Futebol é para gente capaz"



Neto era o ídolo. Agora não tem lugar no time.

A maior prova de quanto o Corinthians considera descartável seu maior ídolo está na pasta de documentos de Wadi Coury. Uma autorização assinada por Vicente Matheus dá liberdade ao empresário até junho de 1992 para arrumar qualquer clube que se disponha a pagar US\$ 2 milhões por Neto. Desde que Cilinho foi contratado, o jogador perdeu a importância para o time. No duelo de personalidades, Matheus optou pela segurança da infra-estrutura oferecida pelo técnico às incertezas do atleta mais desvalorizado de 1991.

— Não sei se tenho futuro no Corinthians com Cilinho. A nossa relação é absolutamente profissional e só nos falamos quando é necessário — confessa Neto, que não esconde de ninguém a saudade que sente de Nelsinho.

Os doze meses de 1991 só acumularam decepções para Neto. Fracasso na Copa América, eliminação na Copa do Brasil, Copa Libertadores da América, Campeonato Brasileiro, saída do técnico/amigo Nelsinho e, para culminar, a cusparada em José Aparecido de Oliveira. De US\$ 5 milhões, o preço do passe despençou para menos da metade. Nem uma fita de vídeo editada com os seus gols mais bonitos — onde não poderiam faltar dezenas deles marcados em cobranças de faltas — e o baixo preço para o mercado internacional conseguiram seduzir empresários europeus.

O inferno astral se concretizou de vez com a contratação de Cilinho. Matheus sempre sonhou com um plano racional e barato na formação de jovens jogadores. O treinador logo fez valer a sua fama. Trocou todos os responsáveis pelo departamento amador do clube, mandou reformar o dormitório, construiu uma cozinha e até "sequestrou" o cozinheiro Carlinhos do São Paulo. E colocou o Corinthians na decisão do título paulista, sem Neto. "Ele é muito importante, mas pela primeira vez as pessoas notaram que formamos um time. Quando ele jogava, a imprensa se esquecia dos outros atletas", diz o lateral Jacenir, amigo particular de Neto.

Embora não afirme publicamente, Matheus já sentiu que Cilinho e Neto não podem conviver no mesmo clube. Os desentendimentos entre os dois começaram no São Paulo, em 1987. Personalista, o treinador não admite que as



Neto: uma relação "absolutamente profissional" com Cilinho.

suas ordens sejam questionadas — daí se originaram rixas famosas com ídolos como Falcão e Pita. Quando o dirigente contratou Cilinho no lugar de Carlos Alberto Silva, Neto disse que o treinador só havia sido contratado porque ele havia autorizado. "Estava brincando com o Márcio. Os jornalistas exploraram muito essa frase e dificultaram o nosso entrosamento", avalia Neto. O resultado foi o tratamento gélido por parte do técnico. Quando o meia foi suspenso por quatro meses, Cilinho não lhe deu uma palavra de apoio e ainda conteve a intenção do jogador de se concentrar com o time que iria decidir o título com o São Paulo. Discretamente, fez Neto entender que, de ídolo, passou a persona non grata no próprio Corinthians. Desprezado, ele foi de carro atrás de "uns trocados" em Campo Mourão, jogar futebol de salão. O ginásio do interior paranaense ficou cheio de gente que queria vê-lo.

— As pessoas só queriam me olhar. Mesmo sabendo que não joguei a sério, fui muito aplaudido. Continuo ídolo. Se o Corinthians não me quiser, é só me falar. Arrumarei outro lugar para trabalhar — diz, amargurado, o mesmo Neto que um ano atrás dava volta olímpica como campeão brasileiro pelo clube que agora o rejeita.
C.R.

"Durante todo o Campeonato fizemos o máximo que foi possível. Passamos por várias adversidades, problemas de contusões com jogadores, e só pude definir e contar com todo o plantel quando estávamos prestes a começar a fase semifinal. Mas mesmo com todos estes problemas o Corinthians mostrou ser um time muito bom. Deus, não satisfeito com tudo que realizamos na primeira fase, nos colocou à frente de um time beneficiado pelo empate, e aí não conseguimos superar.

Mesmo com os 3 a 0 no primeiro jogo, que abalou o time, conseguimos fazer um grande trabalho para recuperar a confiança. Os jogadores estavam descontraindo e atuaram da melhor forma possível e, aí, a gente lembra até aqueles problemas com certos jornalistas, quando no meio da semana tentavam colocar um jogador contra o outro, tentavam comer o Corinthians e chegaram ao cúmulo de imaginar que nós do Corinthians, um time totalmente responsável, e particularmente eu, que sempre respeitei o trabalho de todos porque exijo respeito também, tramamos um complô para afastar certos jogadores.

Isto é um absurdo, é falta de respeito. Eu tenho a capacidade de analisar os meus atletas e deixar de fora um que não estiver bem. Até o Rei de Roma esperou para entrar em campo comigo. Nós do Corinthians temos caráter e eu estou com a cabeça fria e bem leve. Realmente, tudo isso que aconteceu me deixou

muito triste.

Por isso, prefiro falar do futebol demonstrado pelas duas equipes, que não se entendiam, jogam para frente, não recuam a todo o momento seus jogadores fazendo aquele joguinho para tentar ganhar só de 1 a 0. No final do primeiro tempo, avisei para os jogadores marcar mais os contragolpes e recomendei para que ficassem calmos. Voltamos no segundo tempo e continuamos lutando, jogando forte no ataque e no meio de campo, além de não dar liberdade para Raí. Mas não conseguimos achar os espaços necessários para fazer o gol.

As duas equipes sempre tentaram proporcionar um grande espetáculo, e a minha sempre procurou o gol de todas as formas, provou para aqueles que no meio da semana não acreditavam que o Corinthians poderia jogar de igual para igual com o São Paulo estavam enganados. O Corinthians perdeu, caiu com cabeça erguida, ciente de que fez o melhor possível, prestigiou toda a nação corinthiana apaixonada pelo clube.

O futebol é para gente capaz, e cada um assumindo as suas responsabilidades. É por estas razões que tive bastante sucesso quando estava no comando do São Paulo, e é exatamente por estas razões também que fiz um grande trabalho no Corinthians e pretendo fazer melhor ainda no ano que vem. Sou muito grato a todos do Corinthians."
(Depoimento ao repórter Vinicius Mesquita)

CLASSIFICADOS
ESPORTES
n esportivo produtos e serviços para o homem esportivo produtos e

AUTOMOBILISMO

AEROMODELISMO
★ Aeromodelismo é cultura. Criativo e desenvolve sua habilidade manual. Pratique!
CASA AERO BRAS - DESDE 1943
★ TEMOS SUPER BALISA EQUATORIANA E NACIONAL!
R. MAJOR SERTÓRIO, 192 - TEL. (011) 255-0544
CEP 01222-VILA BUARQUE-SÃO PAULO

CAÇA E PESCA

MUNIÇÃO CAL. 38 P/ TREINAMENTO
Treino de Segurança e economia em sua casa ou apartamento
TALSET
AGORA TAMBÉM PAINTBALL CAL. 38
Tel: (011) 885-6294
Fax (011) 887-9524-Tlx: 1135916-TALP

TEMOS TODOS OS MODELOS DE ARMAS NACIONAIS EM CALIBRES PERMITIDOS
IMPORTANTE: A aquisição desses produtos depende da liberação da autoridade competente. Sua utilização requer treinamento e equilíbrio emocional.
Deve-se guardá-la em local seguro
ARMAS DE DEFESA
LIGUE E SOLICITE NOSSO REPRESENTANTE
AV. SENADOR QUEIROZ, 96 - 10º ANDAR - CONJ. 1005
228-1582 / 229-8392 / 229-5439

TUDO P/ CAÇA, PESCA E CAMPING
A ARMA ENTRE QUE MEDIANTE REGISTRO FORNECIDO P/ POLÍCIA DO D.P.C. SUA UTILIZAÇÃO REQUER TREINAMENTO GUARDA-LA EM LUGAR SEGURO
CX. DE BALAS CAL. 38 P/ 38.000, NA LOJA DO REVOLVER
R. Cerqueira Cesar, 226 São Amaro - (011) 521-9725
CAÇA E PESCA SANTO AMARO
PISCINA 1.000 LITS. MOER \$28.900.

CILISMO

BICICLETAS IMPORTADAS
TREK USA MOUNTAIN BIKE 12, 18 e 21 Marchas
BikeTECH 864-2777 R. Franco da Rocha, 745 PERIZES, Esq. Av. Sumaré

APEX
VOCE VAI QUERER TER UMA.
(011) 298-4799

PREÇOS S/ CONCORRÊNCIA
MONTAIN-BIKE PEÇAS E ACESSÓRIOS
BikeTECH Brooklin
VENDA E MANUTENÇÃO ESPECIALIZADA
TREK CONSULTE OUTROS MODELOS R. São Sebastião, 140 Tel. (011) 523-2001 AV. VEREADOR JOSÉ DINIZ, N.º 1300

NAS ONDAS DOS CLASSIFICADOS ESPORTES
ANUNCIE 826-3277

Vocabulário antigo

A valentia desaparece nos momentos de reflexão sobre o futebol, o grande amor da vida do treinador Cilinho. No recanto de seu sítio, em Jaguariúna, ouvindo sons da natureza, ele rabisca há dez anos uma montanha de papel que tem como fim um livro. Mas Cilinho até hoje, nos repetitivos treinos e concentração, se socorre de palavras gastas com o tempo. Palestra com os jogadores é "dinâmica". Bate-papo com jornalistas é "resenha".

O vocabulário antigo, a expressão rota, às vezes serve como desculpa ao sonho não realizado. No dia em que foi apresentado aos jogadores do Corinthians já lançou o slogan que ainda não vingou: "O Corinthians vai jogar o futebol moleque". Estava embutido ali um time ofensivo e gols em atacado. No fim do campeonato, a contabilidade: 15 empates e poucos gols.

O convite para renovar o seu contrato que se encerra no fim do ano está na suas mãos. Matheus e Pedro Fabiano, diretor de futebol, estão confiantes no trabalho a longo prazo estabelecido por Cilinho. A primeira meta é a Taça São Paulo de Juniores. Em seguida, mais uma das invenções do técnico: "Mosqueteiros do Interior", uma cópia do "Expressinho" do São Paulo, com jogadores juniores e aspirantes.

Com o contrato renovado, é limpar a área dos líderes do time, afastar os inimigos, e moldar o Corinthians à sua moda e coragem. Com ou sem porrada. Bilhetinhos, livros, teatro e muita "dinâmica" e "resenha". Cilinho espera vencer assim o seu segundo desafio na Capital.
Luiz Antonio Prósperi

CICLISMO



GIANT
A SUPER BIKE

9 modelos com freios e câmbio Shimano de até 21 marchas, quadros em aços especiais, cromo molibdenio, fibra de carbono e pneus especiais. Assistência técnica especializada e peças originais para reposição.

GIANT BIKE
R. Clodomiro Amazonas, 392 - Itaim Bibi
Fones: (011) 820-4241 829-5578 829-5579

REVENDEDORES

- | | | | |
|---|---|---|---|
| <p>RED ZONE
F.: (011) 298-9122</p> <p>JETA CO
F.: (011) 240-3517</p> <p>BIKE
(011) 279-2023</p> <p>CAMICADO PRESENTES
Lar Center - F.: (011) 267-4599</p> <p>Golden Shopping
F.: (011) 448-6100</p> <p>BICICLETARIA EDUARDO</p> <p>PORTOLLANO
F.: (011) 952-3422</p> <p>WALLACE VEICULOS
F.: (011) 914-3066</p> <p>OMNI COMERCIO DE VEICULOS
F.: (011) 203-1000</p> <p>RAY ESPORTIVOS E NAUTICOS
F.: (011) 831-1824</p> <p>CASA ALBERTO
F.: (011) 225-2084</p> <p>CASA BERGAMO
F.: (011) 570-1379</p> | <p>BOCA DAS BICICLETAS
F.: (011) 222-4202</p> <p>CICLO MOTO ESPORTIVO
F.: (011) 245-8830</p> <p>BIKE ENERGY
F.: (011) 249-8296</p> <p>KICK BIKE
F.: (011) 987-9381</p> <p>FRANCISCO CORREA
F.: (011) 240-6830</p> <p>BIKE MOBY DUARTE
F.: (011) 278-3099</p> <p>AGE MOTO
F.: (011) 63-2080</p> <p>AMPARO COM. DE MOTOS LTDA
F.: (011) 820-1118</p> <p>DIMOTO SHOP, LTDA - S. Caetano
F.: (011) 743-4744</p> <p>LOJA PAPPILON LTDA
F.: (011) 227-7109</p> <p>KELVIN ART. PRESENTES LTDA
F.: (011) 241-5582</p> <p>V.M.G. - COM. DE VESTUÁRIO LTDA
R. de Janeiro F.: (021) 265-1748</p> | <p>PRÓ BIKE - Campinas
F.: (0192) 2.3160</p> <p>BARRAVENTO MOTO E NAUTICA LTDA - Campinas
F.: (0192) 53-3336</p> <p>BLUE OCEAN EQUIP. NAUTICOS
F.: (0124) 24-1072 - Caraguatatuba</p> <p>MARMOTOS
F.: (071) 247-8939 - Salvador/BA</p> <p>MAGAZINES:
HERMES MACEDO - GARCEZ:
CURITIBA</p> <p>MESSIA: BELO HORIZONTE
● CURITIBA ● PORTO ALEGRE
● RIO DE JANEIRO ● SÃO PAULO</p> <p>LOJAS AMERICANAS:
ARARAQUARA ● BAURUR
● BEBEDOURO ● BELO HORIZONTE ● BLUMENAU
● CAMPINAS ● CATANDUVA
● CURITIBA ● FLORIANÓPOLIS
● JOINVILLE ● JUIZ DE FORA
● JUNDIAÍ ● LIMEIRA
● LONDRINA ● MARINGÁ</p> | <p>● NITERÓI ● PETRÓPOLIS
● PIRACICABA ● PRESIDENTE PRUDENTE ● RIBEIRÃO PRETO
● RIO DE JANEIRO ● SANTOS
● SANTO ANGELO
● SÃO BERNARDO DO CAMPO
● SÃO JOSÉ (SC) ● SÃO JOSÉ DOS CAMPOS ● SÃO JOSÉ DO RIO PRETO ● SÃO PAULO
● TAUBATÉ ● UBERLÂNDIA
● MARRÓ</p> <p>MAPPIN: CAMPINAS ● ITAIM
● S.TO. ANDRÉ</p> <p>MOTO REMAZA
F.: (011) 826-9611/275-3671/533-1877</p> <p>CONSÓRCIOS:
CONSÓRCIO REMAZA
F.: (011) 283-0866</p> <p>EM EXPOSIÇÃO:
LOJAS JEANERATION
● LOJAS OSH KOSH
REGINO VEICULOS
F.: (011) 280-1855</p> |
|---|---|---|---|

Na compra de uma bicicleta GIANT, você ganha 1 Kit de acessórios.

Natal NA CICLOVIA TEM CALOI PRA TODO MUNDO!

Agora também aos domingos!



LINHA CROSS Aro 10,16 e 20, de 2 anos até 16 anos.

LINHA CECI Aro 10,14, 20 e 26, a partir de 2 anos até adulto.

LINHA CRUISER Aro 26, a partir de 12, mod. masc. e femim.

LINHA MOUNTAIN BIKE Aro 26, a partir de 12 anos, vários modelos

disk CICLOVIA
CONCESSIONÁRIAS CALOI

BRIGADEIRO
289.0144 • 285.6416
AV. BRIG. LUIS ANTONIO, 1266

SANTANA
290.1599 • 290.1070
RUA ALFREDO PUJOL, 381
• FÁCIL ESTACIONAMENTO! •

DOMINGO - 9 às 17 h
SABADO - 9 às 18 h
SEGUNDA ÀS SEXTA - 9 às 20 h

PELO MENOR PREÇO A VISTA ou em até 3x

Natal na Ciclovía Concessionária Caloi tem o menor preço em toda linha de bicicletas. São 38 modelos diferentes. Antes de comprar disk Ciclovía. Você já sabe, Caloi é com a gente!

PEONY BEST CYCLE

MOUNTAIN BIKE IMPORTADA

1ª BICICLETA PREMIADA COM QUALIDADE INTERNACIONAL

PREMIO QUALIDADE DO BRASIL 1991



A VENDA EM TODAS AS LOJAS DO MAPPIN

REVENDEDORES:

SÃO PAULO: A BOCA DAS BICICLETAS R. Aurora, 60 - Centro Fs: 222-4702/222-7307 BICICLETARIA EDUARDO Av. Mª Amália Lopes de Azevedo nº118-Tremembé-F.:952-3380

CAMPINAS: PRÓ-BIKE Av. Barão de Itapura, 1955 Guanabara - F.: (0192) 23160

PARANÁ: CASA DO CICLISTA R. José Loureiro, 789-Centro F.: (041) 232 - 3020 CICLES ÁGUA VERDE Av. República da Argentina, 1141 F.: (041) 244 - 9422

R.G. DO SUL: COML. GIERING Av. Getúlio Vargas, 2312 S. Leopoldo - F.: (0512) 92 - 2477

R. JANEIRO: BIKE ROGER Av. das Américas, 3939-Bloco I - W.T. B. da Tijuca-F.: (021) 431-1297

M. GERAIS: CASA DO FAZENDEIRO Av. Angelo Calafiori, 927 S. Sebastião Paraisópolis-F.: (035) 531-2800

MATO GROSSO DO SUL: MOUNTAIN BIKE SHOP R. Pedro Celestino, 1239 Campo Grande F.: (067) 383-5139

BARUERI: HELP CAR EXPRESS Al. Araguaia, 350 - ALPHAVILLE F.: 709 - 1922

WET & LI IMPORTADORES
R. Albuquerque Maranhão, 185 Cambuci - S. Paulo
F.: (011) 277 • 7551 Fax: (011) 277 • 7550

Para Anunciar Ligue 277-0028

O FUTURO

Craques, projetos... A receita são-paulina.

Manter a base da Seleção, transformar parte do Morumbi num Shopping Center: o São Paulo tem muitos planos.

A reputação de pioneiro e de clube de primeiro mundo representa um pesado fardo ao São Paulo, que é obrigado a sobreviver sob as precárias condições oferecidas pelo terceiro mundo. Com a inflação acumulada no ano já somando os 450% até o mês passado, os investimentos do clube sofrem constante corrosão, o que despertou um estudo de alternativas financeiras buscando auxílio na iniciativa privada.

Para o próximo ano, o São Paulo ambiciona conquistar os títulos brasileiro, sul-americano e mundial interclubes com, pelo menos, a base do time atual, que consumiu só nesse mês a folha de pagamentos de Cr\$ 55 milhões. Pretende, ainda, implantar uma série de reformas no estádio do Morumbi e no Centro de Treinamento da Barra Funda, que devem conferir ao São Paulo o status de clube-empresa, graças a um investimento aproximado de US\$ 60 milhões. "São projetos que, viabilizados, garantem tranquilidade ao clube, independente da instabilidade econômica do País", afirma o presidente José Eduardo Mesquita Pimenta.

O primeiro passo, que já está em execução, é a informatização do futebol. O plano é usá-la para diversos fins, como montagem de um dossiê completo de todo o elenco do clube, além de outros times — inclusive do Exterior. Até juizes e técnicos passariam a fazer parte deste banco de dados. As informações computadorizadas devem auxiliar, também, no acordo que o São Paulo pretende firmar com a IBF (Indústria Brasileira de Formulários) na busca de captação de recursos para manter um time de primeira linha. A empresa já desembolsa cerca de US\$ 200 mil mensais para manter o patrocínio na camisa do time, em um contrato firmado em julho passado e com duração prevista de cinco anos. A injeção financeira da IBF sempre viria



Pimenta investe muito. E sonha com o título mundial interclubes.

no momento em que os investimentos ultrapassassem os valores máximos previstos no orçamento do futebol do próximo ano — cerca de Cr\$ 7 bilhões.

Shopping Center

A constante falta de público nos jogos motivou o São Paulo a investir em outro plano arrojado: a reforma na estrutura do Morumbi, que ampliaria a utilidade do estádio. Pelos estudos, todo o anel inferior (que abriga hoje as numeradas inferiores e a geral) seria fechado e transformado em um shopping center e um hotel.

A capacidade total do estádio são-paulino (que oficialmente é de 148.376 lugares) não seria alterada, pois a compensação aconteceria na ampliação dos outros dois anéis, aproximando a torcida do campo. "O futebol não consegue manter o faturamento ideal que seria proporcionado pelo tamanho do Morumbi", comenta o dirigente, que consultou a Prefeitura, em novembro, visando descobrir os meandros políticos

Cilinho fica. Os líderes não.

Vender craques, manter Cilinho e revelar jogadores: plano de Matheus para equilibrar o orçamento em 92

O Corinthians já conhece o seu futuro. No anunciado ano de mais dificuldades, Vicente Matheus tem um plano de aperto econômico. Janeiro pode ser o mês das dispensas: o mercado deve ganhar as ofertas de Neto, Márcio, Wilson Mano, Tupázinho, Fabinho e até Ronaldo. No Parque São Jorge, reinará Cilinho. O novo empreendimento conta com a produção de jogadores caseiros e a captura no Interior de desconhecidos candidatos a craque.

Matheus e seu assessor, Pedro Fabiano, desejam renovar o contrato de Cilinho, que expira em 31 de dezembro. O acordo entre os dirigentes e o treinador será referendado nos próximos dias. Com o papel assinado, Cilinho inaugura sua ambição de fazer do Corinthians o São Paulo dos seus tempos, isto é, revelar craques e armar um time vencedor.

O que Cilinho não quer é enfrentar os atuais líderes do Parque. Matheus & Cia conhecem essa causa. Na apresentação da previsão orçamentária de 92, os conselheiros aplaudiram o vice-presidente corinthiano quando ele falou sobre os planos de Cilinho. Ninguém se lembrou de perguntar por Neto, cujo contrato venceu no dia 12 e nenhum diretor manifestou desejo de abrir negociações.

"Procuramos Cilinho primeiro porque é o técnico que tem de planejar o trabalho do próximo ano," disse Fabiano. A declaração leva à evidência de que Márcio, assim como Neto, não terá vida longa no clube. Pivô de vários incidentes durante o campeonato, o volante deve trocar de equipe. Se ficar, precisa entender que quem manda no time é Cilinho. Da Espanha surgem algumas propostas a Wilson Mano. Há seis anos no Corinthians, acredita que chegou a hora de ganhar dinheiro com uma transferência.



Matheus quer economizar. Por isso, optou por Cilinho.

Tupázinho é outro que está de malas prontas. Cilinho não gosta do seu estilo e só o escalou em momentos de urgência. Pode jogar em um time do Sul.

Marca registrada

Ronaldo não é jogador de ficar com a boca fechada. Cilinho no comando é sinônimo de adeus dias de liderança do goleiro. Por isso, antes do primeiro jogo com o São Paulo, Ronaldo afirmou: "Com Cilinho não posso garantir o meu futuro no Corinthians", acrescentando que há chances de ir para o Exterior.

Era tudo o que Cilinho desejava. Livre dos ex-líderes, toca seu projeto com algumas marcas registradas. 1) Futebol Integrado: união do Departamento Amador com o profissional e o trabalho conjunto com os times juniores e principal. 2) Mosqueteiros do Interior: formação de um time com aspirantes, juvenis, juniores e jogadores desconhecidos reve-

para não infringir as normas de construção do município.

Com uma área total de 154 mil m², o Morumbi está avaliado em US\$ 500 milhões, e aumentaria sua valorização com a reforma. "O estádio possui uma arquitetura ultrapassada e pouco funcional", Pimenta já recebeu proposta de um banco para viabilizar o projeto. No anel inferior, além do hotel e shopping center, serão construídas diversas lojas de departamentos. A região que rodeia o estádio também seria modificada — um amplo estacionamento deverá ser construído próximo ao Morumbi e, nas vias de acesso entre a avenida Francisco Morato e o estádio, outro bolsão de estacionamento será levantado. Também a fachada do Morumbi será vitrificada, além de uma cobertura retrátil nas arquibancadas, o que amplia o uso do estádio para shows e concertos.

No futebol, a idéia é formar uma escola de elite para aproveitar a formação e a venda de jogadores, aperfeiçoando toda a estrutura que o clube dispõe para avaliar as aptidões dos atletas. Já o plano de duplicar para 120 leitos a capacidade do Centro de Treinamento (proposta de uma multinacional japonesa) despertou maiores cuidados do clube, preocupado em evitar o desvirtuamento do uso das instalações que, com o tempo, poderia se transformar em uma enorme hospedagem. E, dependendo da aprovação do substitutivo do deputado Artur da Távola (ex-antiprojeto Zico), que prevê a profissionalização dos dirigentes, o clube cederia o Departamento de Futebol, em uma operação semelhante ao franchising, a uma empresa especializada que respondesse pelos lucros e perdas. "Mas não acredito que o projeto saia em 92, pois há uma forte tendência obstrutiva no Congresso, provocada por lobistas", afirma Pimenta. U.B.

ASPIRANTES EMPATE. E PONTE PRETA CAMPEÃ.

A Ponte Preta conquistou ontem à tarde, no Morumbi, na preliminar de São Paulo e Corinthians, o título que lhe faltava nas divisões de base: o dos aspirantes. O empate (1 a 1) foi suficiente, porque a Ponte havia vencido a primeira partida por 1 a 0. O Guarani esteve melhor até o golado marcado por Adriano, aos 17 minutos do segundo tempo, para depois, inexplicavelmente, recuar e sofrer o empate aos 24, gol de Marcão. Outro erro: a tentativa constante do "chuveirinho", uma jogada inexpressiva para a boa estatura dos zagueiros Júnior e Gemente. Perseguido a vitória, e vendo a chance do título sumir, o técnico Milton dos Santos ausou, realizando no



Decisão campineira na preliminar

intervalo uma mudança importante no Guarani: sacou o inoperante Robert para a entrada do esperto Alex, o que deu muito maior movimentação a todo o time.

O gol de Adriano nasceu de uma jogada individual. Driblou dois adversários, saindo da marcação, e bateu forte, cruzado, sem nenhuma chance para o goleiro Robson. O empate veio de um escanteio pela esquerda. O goleiro Rogério saiu mal, dando apenas um tapinha na bola, que continuou rondando a área. Houve novo cruzamento e confusão dentro da área. O esperto Marcão, no meio de muitas pernas e braços, dominou e marcou. Na Ponte Preta, alguns campeões deverão ser aproveitados no time de cima pelo técnico Jorge Vieira na próxima temporada, como Róbson, o zagueiro Júnior e Gemente.

O capitão Marcelo (no chão) foi um dos jogadores do Corinthians que mais lutou até o final. Mesmo assim, o time não conseguiu desarmar a defesa do São Paulo, que jogava apenas pelo empate.



Na boate, caviar. No vestiário, água e lama.

Os jogadores comemoraram o título cantando o hino do clube. Eufóricos, os dirigentes pensam no futuro e nos seus projetos grandiosos.



Um banho de champanha e água suja no vestiário inundado, sob um desafinado coro de vozes cantando o hino do clube. O elitista São Paulo iniciou assim a comemoração do seu segundo título no ano: em junho, campeão brasileiro, e ontem, paulista. Festa de gente rica, só mesmo na sexta-feira, de preferência na boate Gallery.

Sexta e sábado foram os únicos dias que os cartolas encontraram para esbanjar a bebida importada e o caviar. É que hoje, oito jogadores estarão servindo as Seleções olímpica e principal. Nas ondas das águas da chuva e dos chuveiros, os atletas ouviram a torcida cantar: "A, é, i, Seleção do Morumbi".

A consagração não seria mais concreta se hoje, dia de aniversário do clube, o presidente

Mesquita Pimenta não tivesse declarado: "É um título inédito na história de 56 anos do clube. Fomos campeões duas vezes no ano, igualamos o recorde do Palmeiras". A satisfação enchia as cartolas do Morumbi. Fernando Casal De Rey, diretor de Futebol, desmentiu que estaria deixando o clube para cuidar de seus novos negócios em Miami. "Aproveito para negar essa informação; nunca pensei em deixar o Brasil que tanto amo."

Ficando no seu País e no São Paulo, ele sabe que terá alguns problemas pela frente. O primeiro: renovar o contrato de Zetti, que exigirá bem mais que os Cr\$ 3,5 milhões que recebe. "Iniciamos as negociações, mas ainda estamos distantes de um acordo", disse o goleiro. Outro problema: contratar Suélio, que chegou do Matsubara emprestado até o final do

ano. O clube do Paraná está pedindo US\$ 180 mil. E a missão mais fácil: negociar Antônio Carlos e Rai com a Europa.

Fácil vender

Os cartolas têm um plano para conseguir dinheiro e manter seus jogadores. "A transparência do São Paulo e a limpeza com que cuida de seus negócios abrem muitas perspectivas. A imagem do São Paulo cresceu muito em 91, ganhou as primeiras páginas dos jornais e o horário nobre da televisão. É um investimento que dá retorno aos patrocinadores", já negociava Casal De Rey ainda no vestiário.

Alegria para os cartolas, felicidade plena no coração do lateral Nelsinho. "Voltei ao clube em agosto, vim de uma fratura grave e essa conquista é muito importante. É o sexto título que conquisto no São Paulo." Nelsinho foi o único jogador que não

trocou camisas com os rivais ou torcedores: "Essa é minha, não dou para ninguém. Guardo todas com que ganho um título".

Quem estava preocupado no vestiário era Macedo. Ele se refugiou num canto e ficou observando a comemoração dos companheiros. "Tô de olho na minha mala, senão alguém mete a mão", falou Macedo, com medo infundado, o que não o poupou do banho forçado. Os jogadores esperaram Telê sair do vestiário para iniciar uma guerra de água.

Ninguém foi poupado, jornalistas, seguranças, policiais, diretores e puxa-sacos de ocasião. "É uma espécie de batismo do nosso time. Começamos com champanha e depois que acabou foi água mesmo", brincava Casal De Rey.

Bem mais modesto, como o seu futebol, Sidnei recebia abraços de amigos no fundo do vestiário. Com 21 anos, quer primeiro manter o espaço que con-

seguiu no São Paulo, e depois talvez a Seleção. "Esse é meu primeiro ano como profissional e já consegui dois títulos. Não quero sair nunca daqui."

Junior ao lado de Rai?

Sidnei sabe que tem de jogar muito futebol. Como o clube terá a Libertadores pela frente e o Projeto Tóquio como sonho, a diretoria está contratando Mauro Silva. Alguns arranjos dos cartolas podem alcançar o US\$ 1,5 milhão que o Bragantino está exigindo. A surpresa deve acontecer após a decisão do Campeonato Carioca: Junior, do Flamengo, recebeu uma proposta antes mesmo de iniciar o octogonal do Campeonato Paulista. Junior disse que não poderia aceitar porque o Flamengo tinha chance de disputar o título, mas, depois, nada o impediria. Não é difícil prever Junior ao lado de Rai.

Luís Antônio Prósperi



Clube	Títulos
Corinthians	20
Palmeiras*	18
São Paulo	17
Santos	15
Paulistano	11
São Paulo Athletic	4
Portuguesa	3
AA das Palmeiras	3
Germânia	2
Internacional	2
Americano	2
São Bento	2
Inter de Limeira	1
Bragantino	1

* o Palmeiras conquistou oito títulos quando se chamava Palestra Itália.



Antônio Carlos: fama e dinheiro aos 22 anos.

O zagueirão agora vai rezar. Depois, Europa?

Nossa Senhora da Aparecida na prece e o sonho na Espanha, além da Seleção Brasileira, representam a trindade do que será a semana de Antônio Carlos. Devoto fervoroso da santa, o zagueiro segue sexta-feira à Aparecida do Norte, onde, com muita reza, pagará uma promessa. O agradecimento não é apenas pela conquista do segundo título no ano. A proposta para jogar na Espanha merece a centena de orações que ele realizará aos pés da Padroeira do Brasil. "Sou uma pessoa de fé, de muito respeito a Deus. Assim que chegar da Seleção vou pagar uma promessa em Aparecida. Ela está sempre comigo nos momentos ruins e bons". Os bons, lembra o zagueiro, estão na primeira convocação da Seleção Brasileira e os títulos Paulista e Brasileiro. "Quero me firmar no São Paulo e na Seleção, disputar uma Copa do Mundo e aí, sim, sair do país". Antônio Carlos tem planos imediatos de deixar o Brasil. "É claro, se aparecer alguma proposta eu vou embora. Você quer saber, eu já recebi uma para jogar na Europa".

Os espanhóis terão de despejar muitos dólares no Morumbi. O contrato do zagueiro só se encerra em setembro. Antônio Carlos ganha Cr\$ 3,5 milhões e quer aproveitar a projeção de campeão brasileiro e paulista e ainda a fama de jogador de Seleção para jogar, o mais rápido possível, nos campos da Europa, pegar os dólares espanhóis. Talvez tenha sido esse o motivo por que foi o último jogador a deixar o encharcado gramado do Morumbi. Quem sabe se não estava se despedindo do grande estádio? Ele esperou todo mundo sair para olhar nas arquibancadas e encontrar seus amigos. Lá do alto do concreto 20 pessoas acenavam. "São meus familiares, minha mulher, e amigos de Dourados, que vieram me acompanhar e dar força. Esse pessoal sempre está comigo em todos os momentos".

Os gestos de carinho aliviaram a tensão por que passou no momento em que Ilton José da Costa apitou o final da partida. Uma multidão de fanáticos torcedores avançou sobre o zagueiro. Arran-

caram-lhe a camisa, chuteiras, meias, caneleiras, ataduras, e só não o deixaram nu porque dois policiais, na base dos pontapés, contiveram o ímpeto dos desesperados atrás de um pedaço de pano ou couro do uniforme, como o símbolo do título. Salvo, subiu ao pódio dos campeões, abraçou Rai e mostrou a taça.

A marca registrada de bom jogador Antonio Carlos alcançou cedo. Aos 22 anos, um como titular do São Paulo, coleciona dois títulos e a camisa da Seleção. Marcou quatro dos 66 gols que o São Paulo acumulou. Tem 1m87, pesa 75kg e disputou 30 jogos no campeonato. A rápida carreira tem passagens por Corinthians de Presidente Prudente e Uiratã (MS). De lateral mediocre passou a zagueiro moderno, daqueles que usam a técnica do físico, quando descobriu que poderia avançar em direção ao gol adversário. A comemoração do título não terá nada de especial. "Foi o grande ano da minha vida. Seleção, campeão duas vezes, o que mais eu poderia pedir?" (L.A.P.)

SÃO PAULO CAI



AMPEÃO 91



RAÍ, 20 GOIS, ARTILHEIRO DO CAMPEONATO PAULISTA.

Orlando Kissner/AE

Grandes momentos merecem um grande café.

CAFÉ DO
PONTO

O café de todas
as torcidas.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ